

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE ALBERTO SAMPAIO. III PARA OLIVEIRA MARTINS.

(sem indicação de autor)

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Alberto Sampaio. III para Oliveira Martins. *Revista de Guimarães*, 51 (3) Jul.-Set. 1941, p. 201-216.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

lhe o meu exemplar. Se o meu am.º estivesse aqui pedia-lhe um para elle, assim quando voltar terá a bondade de me dar outro para mim.

Muitos recados e saudades de meu irmão.

Do seu am.º

Alberto Sampaio.

III) — Para OLIVEIRA MARTINS

1

Guimaraens : Maio 14, 85

Meu amigo

Já tinha de facto conhecimento do seu *coup d'état*, que, se me permite expôr-lhe com franqueza o meu pensamento, me não alegrou, n'esta occasião (!): a oportunidade seria, segundo me parece, ou na vespera de ser ministro, ou quando enfim o desarranjo das coisas publicas trasbordasse das secretarias para as praças. Em tal ensejo a sua adhesão a este ou aquelle grupo politico seria do mais subido valor, porque era então a voz do homem forte que apparece no momento psychologico : presentemente receio que se vá gastar

(!) Alberto Sampaio refere-se ao movimento politico, que, em 1885, teve origem no Pôrto, ao qual foi dada a designação de «Vida nova». Oliveira Martins foi o agente principal dêsse movimento, apoiado na autoridade politica e intellectual que a sua obra lhe dava, pois estudara profundamente os problemas economicos e sociais do país. Este movimento de renovação politica partiu da Sociedade de Geografia Commercial, do Pôrto, organismo de que Oliveira Martins era presidente desde 1880, e visava muito principalmente à reorganização da economia nacional. Os elementos da «Vida nova» ingressaram no partido progressista, então chefiado por Anselmo Braamcamp, no intuito de revigorarem este partido, tornando possível uma politica honesta, que reagisse contra a corrupção das clientelas partidárias. Os nobres intuitos de Oliveira

nas bulhas dos partidos. Tenho esperanças que o seu claro espirito o salvará, todavia o perigo é grande. Seja como for, *alea jacta est*. Perdoe-me as minhas considerações que não servem de nada.

Posto que não seja politico, pode contar comigo, sempre que lhe sirva de qualquer coisa. Serei o seu correspondente nos termos que me indica.

Vou tractar de arranjar o homem para vender o jornal e as assignaturas. Logo que tenha tudo prompto lhe escreverei ⁽¹⁾.

Permita-me uma informação politica. Aqui ha um Centro progressista ⁽²⁾, e segundo ouvi vaga.^{te} creio que se juntaria ao seu movimento, se dahi lhe pedissem a adhesão. Quer informações mais explicitas a este respeito?

Pelo correio de hoje mando-lhe os «Social problems» de H. George ⁽³⁾, assim como a Acad. e Econ. Fr. anteriores ⁽⁴⁾.

Fica em meu poder o Kinner ⁽⁵⁾, que vou ler,

Martins foram, porém, frustrados, muito contribuindo para isso a morte de A. Braamcamp, em Novembro dêsse ano, que foi substituido na chefia do partido por José Luciano de Castro. Desiludido, Oliveira Martins tornou-se mais tarde independente das entidades partidárias. As bases do programa daquele movimento deu-as Oliveira Martins no seu livro «Política e Economia Nacional», publicado nesse ano de 85.

(1) O órgão politico do movimento «Vida nova» era «A Provincia», fundado por Oliveira Martins, em 25-5-1885. Foi o jornal do Centro Progressista do Pôrto. Em 1888, Oliveira Martins abandonou a sua direcção e tomou a direcção de «O Reporter», de Lisboa.

(2) Por esta época, os chefes progressistas em Guimarães eram o Visconde de Lindoso e o Visconde do Paço de Nespereira.

(3) Henry George, publicista e politico americano, que se occupou especialmente do estudo de questões sociais.

(4) Referia-se, possivelmente, à revista «La Academia» (Madrid) e a «L'Économiste français», semanário fundado em 1783 por Paul Leroy-Beaulieu.

(5) João Luis Kinner, autor de umas *Instruções de cambios*, publicadas no Pôrto em 1823? Alberto Sampaio era muito versado em assuntos de finanças; exerceu, durante mais de dois anos, o lugar de guarda-livros do Banco de Guimarães, e o Governo chegou a oferecer-lhe o importante cargo da direcção da Agência Financial do Rio de Janeiro, que não aceitou.

e logo que tenha a leitura terminada lh'o enviarei, a não ser que precise d'elle antes.

Enfim peço os meus respeitos para sua Ex.^{ma} Senhora, e as minhas lembranças ao Anthero que penso estará ainda ahi.

Meu irmão envia-lhe os seus cumprimentos.

Do seu amigo
m.^{to} obrigado

Alberto Sampaio.

2

Meu amigo

A interferencia da «Provincia» na questão de Guim.^{es} (1) vai no momento preciso e de tal forma

(1) A lamentável questão entre Guimarães e Braga, que teve início há 56 anos, pode historiar-se nas seguintes linhas: a população de Guimarães não via, de há muito, com bons olhos os pesados encargos monetários lançados pelo Distrito sôbre as receitas do Concelho, sem beneficio apreciável para este. No dia 28 de Novembro de 1885, estando presentes na Junta Geral do Distrito, reunida em sessão no Governo Civil de Braga, os procuradores de Guimarães à mesma Junta, que eram o Dr. Joaquim de Meira, o Conde de Margaride e José Martins Minotes, foram suspeitos de pretenderem criar opposição ao estabelecimento do curso complementar de Ciências no Liceu de Braga, assunto considerado de magno interesse para aquela cidade. Mal vistos já, no meio político bracarense, pela sua continua resistência à dispersão dos dinheiros do Concelho que representavam, aquela suspeição valeu-lhes, nesse dia, serem apupados e enxovalhados pela população, ao saírem do edificio do Governo Civil, sem que o respectivo Governador, que era o Marquês de Valado, nem as autoridades policiaes se opusessem ao apedrejamento da carruagem que os reconduzia a Guimarães. Esta violência levantou a indignação dos vimaranenses, que suspenderam as relações officiaes com Braga, e deu motivo a um largo movimento de protesto que apaixonou tôdas as classes, a ponto de levar a intervir no debate, pela imprensa, pelas manifestações públicas e pelas reclamações aos altos poderes, o escol da mentalidade vimaranense, constituído por Martins Sarmiento, Alberto e José Sampaio, Joaquim de Meira, o Conde de Margaride, Avelino Germano, Adolfo Salazar, Abade de Tãgilde, etc. Apoderou-se de todos uma espécie de xenofobia, uma autêntica cegueira

que espatifou a questão. Creio todavia que não impedirá que certo grupo do partido a não faça política. Lamento a posição em que se collocou o seu

de entusiasmo colectivo levado ao exagêro, que reclamava, como desfôrço das ofensas bracarenses, nada menos que a desanexação pura e simples do Concelho de Guimarães daquele Distrito, e a sua inclusão no Distrito do Pôrto. Por tôda a parte se levantava o grito de «*União ao Pôrto!*». Foi defensor desta aspiração, no Parlamento, o deputado João Franco, eleito pelo circulo de Guimarães, que em 6 de Dezembro veio propositadamente a esta cidade, inteirar-se do estado da questão, e, em Janeiro de 1886, apresentou na Câmara dos Deputados o respectivo projecto de lei da desanexação. Entretanto, José Luciano de Castro, que por morte de Anselmo Braamcamp (em 13 de Novembro de 1885) assumira a chefia do partido progressista, aproveitou habilidosamente estas graves ocorrências entre Braga e Guimarães, como arma política para provocar a queda do govêrno regenerador, da presidência de Fontes, então no poder. Em principio de Fevereiro, o govêrno ainda tentou sanar a questão, desarmando assim os seus adversários políticos, propondo uma reconciliação entre as duas cidades e substituindo o Governador Civil de Braga por outro representante da autoridade distrital, encarregado de dar a Guimarães tôdas as satisfações possíveis. Mas, a 19 dêsse mês, Fontes era forçado a demittir-se, visto o Monarca, D. Luís I, recusar-lhe o adiamento das Côrtes. Subiu ao poder, como desejava, José Luciano, que, interpelado logo, em 22 de Fevereiro, pelo deputado João Franco acêrca da questão de Guimarães, declarou opor-se terminantemente à separação dêsse Concelho do Distrito de Braga. Passado um mês, novamente João Franco instou no Parlamento pela discussão do seu projecto de lei, respondendo-lhe José Luciano de uma forma evasiva, com a promessa de inserir na nova Reforma Administrativa a applicação do regime municipal de Lisboa à cidade do Pôrto e a outros concelhos importantes, entre os quais o de Guimarães; e assim, manter-se-ia a integridade da circunscrição distrital de Braga, ao mesmo tempo que, por uma lei de ordem geral, seria concedida a Guimarães a autonomia municipal, ficando o Concelho dispensado de nomear procuradores à Junta Geral do Distrito, e completamente independente da tutela administrativa dêsse. João Franco deu-se por satisfeito, insistindo todavia nos pontos fundamentais desta promessa: — «ausência completa da tutela administrativa de Braga, e não se pagar *nem um ceitil* para as despesas distritais». Assim amainou tamanha tempestade, perante uma tão vaga como duvidosa promessa! Em principios de Maio, Franco visita de novo Guimarães, para colhêr os louros do seu bom combate pela terra que o lançara na carreira política, sendo recebido apoteoticamente na cidade. Entretanto, a questão entre Braga e Guimarães, passado o seu periodo agudo, foi esfriando lentamente, na imprensa e no entusiasmo popular, de modo que, por meados dêsse ano de 86, estava completamente morta e, por assim dizer, perdida a causa de Guimarães, que tanto esfôrço inútil absorvera. A terra, porém,

chefe (1) e estou a reccar que se realice a hypothese em que fallamos ultimamente. Este facto é indicativo d'uma falta de tino e prudencia que aliás se lhe deviam suppor. E' lastimoso não só que se prestasse a ser o provocador d'uma trapalhada d'aquelle feitio (2), mas o que é mais agravante ainda que considere as manifestações de Braga, como razão preponderante na resolução do caso (3). Mas enfim... dê-me licença de lhe apresentar os meus agradecimentos. Peça o obsequio de fazer os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Esposa e muitas lembranças ao Anthero.

Do seu amigo

Alberto Sampaio.

Guim.: Jan.º 22, 86

3

Meu caro amigo

Creio que me assiste toda a razão, como lhe vou expor. Desde que começou o nosso conflicto com

ficou sempre grata a João Franco, e ainda recentemente, em 1934, por iniciativa de um grupo de veteranos da velha política franquista, lhe foi erguido um monumento numa praça pública desta cidade. Por sua vez, entre Guimarães e a capital do Distrito, tem-se mantido sempre, através dos anos, uma certa desconfiança e rivalidade mútua, embora adormecida e latente. Mas os tempos mudaram, e hoje perante uma questão idêntica não surgiriam novos paladinos, que ingenuamente viessem para a rua quebrar lanças pela sua causa... Em 2 de Outubro de 1886 foi, por fim, assinado o decreto concedendo a desejada autonomia ao Concelho de Guimarães («Diário do Governo» n.º 228 de 7 de Outubro de 1886).

(1) José Luciano de Castro, chefe do partido progressista, contrário, como se disse, à desanexação do Concelho de Guimarães do Distrito de Braga.

(2) Refere-se à exploração do conflito entre Guimarães e Braga por José Luciano, para daí tirar vantagens de ordem política conducentes a fazer cair o Ministério regenerador.

(3) A resolução do caso político, sob o ponto de vista do chefe progressista, seria a queda do governo do Fontes, que efectivamente se deu em 19 de Fevereiro, e a subida ao poder do governo de José Luciano.

Braga, sabe muito bem que tanto as minhas correspondencias como as d'aquella cidade eram collocadas na primeira ou segunda pagina debaixo do titulo «Conflicto entre B. e Gui.^{es}» e por tanto tiradas do «correio das provincias». Assim foi em quanto o gabinete regenerador estava no poder: quando este cahio, não me achava aqui, cheguei no dia 22 e neste mesmo dia escrevi e expedi uma correspondencia que foi publicada no N.º 43. Depois de a expedir, recebi o N.º 42 e notei que já tinham mudado o primeiro titulo pelo de «Noticias de Braga» para a correspondencia d'aquella localidade. Impressionou-me esta mudança e arrependi-me de a ter mandado, por se me afigurar que a questão desagradava agora uma vez que o partido progressista era governo ⁽¹⁾. Era certo todavia que estava ainda na segunda pagina. No dia seguinte quando recebi o N.º 43 fiquei surprehendido, encontrando-a no «Correio das Provincias» em segundo logar, quasi enterrada nos annuncios. Esta collocação significou para mim e creio para toda a gente, que tal assumpto não era do agrado da redacção, do que se me dava aviso por aquella via. Posto que magoado por tal tractamento entendi que me restava simplesmente indicar que tinha comprehendido o aviso, o que fiz dirigindo-me, na sua ausencia, ao administrador do jornal.

Tencionava logo que o soubesse regressado de Lisboa, escrever-lhe dando-lhe conhecimento da minha resolução e seus motivos ⁽²⁾.

Infelizmente não tive noticia da sua chegada a tempo de ser o primeiro a escrever.

Peço-lhe que examine os N.ºs indicados e estou certo que me dará razão e que concordará que, dada a sua ausencia, não podia proceder d'outro modo.

(1) Assim era de facto, pois José Luciano contrariava as pretensões de Guimarães no conflito com Braga. E «A Provincia», jornal a que Alberto Sampaio se refere nesta carta, era órgão dos progressistas.

(2) As satisfações devidas a Oliveira Martins eram resultantes do facto de ser elle o Director do jornal.

Enfim posto de lado o correspondente da Província, o amigo é sempre o mesmo e

D'elle disporá como sempre

Alberto Sampaio.

Guim. : Fev.º 27 (1)

4

Meu caro amigo

Como terá visto da minha penultima carta, estou desinteressado da questão (2). Por esse motivo não tenho enviado nenhuma correspondencia para a «Província».

Para mim é hoje fora de duvida que as nossas negociações foram contraminadas por uma grande intriga politica. As unicas pessoas de boa fé neste negocio eramos nós e uma duzia d'amigos meus d'aqui. Quando nos encontrarmos dar-lhe-hei conta das minhas suspeitas. Agora os politicos politicantes que se avenham, como puderem, com a situação que crearam.

A noticia foi e continua a ser recebida com a maior indiferença (3). Serão muito felizes, se puderem desfazer a duvida e a desconfiança que dominam no animo popular. Mas como nós não temos nada como isto, que se arranjem.

Como deseja que não abandone a questão na

(1) Esta carta não indica o ano, mas ainda é de 1886, como se depreende do assunto a que se refere. Está tarjada de luto, porque em 14 dêste mês falecera uma tia de Alberto Sampaio, D. Teresa Alexandrina da Cunha Teixeira.

(2) Questão entre Braga e Guimarães, cujo projecto de lei de desanexação, apresentado ao Parlamento por João Franco, tinha sofrido a rejeição do govêrno de José Luciano, em 22 de Fevereiro de 1886.

(3) Refere-se à noticia da promessa, feita por José Luciano, de conceder ao Concelho de Guimarães autonomia administrativa, não o desanexando todavia do distrito de Braga.

«Provincia» de vez em quando mandarei uma nota de sentido obscuro para irritar os políticos.

De resto volto à *mes chères études*; e a proposito vou pedir-lhe um favor: possuirá o «Relatorio sobre a arborisação geral do paiz»? No caso affirmativo poderia emprestar-m'o?

Apresente os meus respeitos para sua Ex.^{ma} Esposa. Peço muitas lembranças para o Anthero.

Do seu Amigo muito obrigado

Alberto Sampaio.

Guimarães: Março 25 (1)

5

Meu querido Amigo

Tenho discutido largamente o seu caso com meu irmão, e ambos chegamos á conclusão que deve aceitar sem a menor hesitação o governo do Banco de Portugal (2).

Uma vez que se lançou na politica com um plano novo, plano de que ninguem já hoje duvida, pela prova que acaba de dar com o seu projecto, é fora de duvida que tem obrigação de procurar todos os meios de os trazer á realidade.

Já vê que mudei da minha primeira impressão *idealista*, deixe-me dizer assim — a da noite de Julho 1, pois na manhã seguinte já estava de opinião oposta. Na verdade, no primeiro momento não vi bem a questão: considereei n'essa ocasião apenas o *homem*, quando é certo que actualmente este para todos os portuguezes é sobretudo o *politico*.

E não admira que seja assim: pois que se o meu

(1) Sem indicação do ano, mas indiscutivelmente de 1886.

(2) Parece que Oliveira Martins nunca chegou a aceitar este lugar. Entre os seus estudos de carácter financeiro conta-se a «Reorganização do Banco de Portugal» (1877).

amigo conseguir a restauração economica do pobre Portugal, essa será a sua mais bella obra pelo bem que vae fazer aos quatro milhões e meio dos nossos desgraçados conterraneos.

Mas a sua situação é no presente muito difficil. Precisa tomar uma resolução, é claro: mas qual? pois é necessario que ella seja um passo ávante, e não um retrocesso que pode ser fatal.

Recolher-se á sua casa, lançando um manifesto de despedida, é poetico: atrairá as sympathias geraes: uns aplaudirão com sinceridade, outros com a satisfação de se verem livres de si: tudo isto passará dentro d'alguns dias; depois, como sempre, vem o esquecimento e a sua obra está perdida (1).

Pelo Porto, como vimos, nada se pode fazer, nem tam pouco é possível obter qualquer resultado com um movimento nas provincias, em consequencia do estado passivo da população.

Nestas condições singulares e unicas, em que se encontra presentemente, com parte do seu programa

(1) Quando da queda do govêrno regenerador, em Fevereiro de 1886, O. M. foi convidado a fazer parte do novo ministério, por José Luciano de Castro. Não aceitou o convite, ficando no entanto combinado que, em ocasião oportuna, criar-se-ia a pasta da Agricultura, cuja gerência lhe seria entregue. O ministro Emídio Navarro nomeou então Oliveira Martins para realizar um inquérito agrícola. Mas, como êste visse em tal nomeação o proposito de lhe facultarem uma aprendizagem para a pasta que iria sobraçar, isto é — «um exame de habilitação para ministro», como êle dizia, negou-se a desempenhar essa missão. No momento próprio foi criada a pasta da Agricultura, sendo O. M. convidado a assumir a sua gerência, ao que se negou, e o respectivo decreto teve de ser revogado (Vide «Correspondência de J. P. Oliveira Martins», coligida por Francisco d'Assis Oliveira Martins, Lisboa, 1926, p. 26 e 108). Entretanto, eleito deputado pelo Pôrto em 1887, apresentava na Câmara dos Deputados, em 27 de Abril dêsse ano, o célebre «Projecto de Lei de Fomento Rural», que, apesar de nunca ter entrado em discussão, patenteou exuberantemente os conhecimentos de O. M. nesta matéria, e foi justamente considerado como um dos trabalhos de maior envergadura nesta especialidade (Veja-se a apreciação critica feita por Alberto Sampaio a êste notável Projecto, sob o título «O Snr. Oliveira Martins o e seu projecto de Fomento rural», publicada n-«A Provincia», de 14 a 26 de Maio de 1887). Finalmente, em 17 de Janeiro de 1892, O. M. foi chamado a gerir a pasta da Fazenda, no Ministério José Dias Ferreira, que aceitou, mas pouco tempo se manteve neste lugar.

traduzido em artigos de lei, aplaudido por todos particularmente mas por todos abandonado *politicamente*, nesta situação em que se lhe pede que faça alguma coisa sem todavia ninguém lhe dar a força, evidentemente o governo do Banco de Portugal, com a direcção da Real Associa. d'Agricultura, da Comp.^a das Lezírias e um jornal, é a salvação, porque representa não *um* mas *muitos milhares* de passos á frente.

A circumstancia da nomeação ser feita pelo governo não nos parece, em face do que fica exposto, que possa ser invocado como motivo de recusa. A *salus populi* deve ser agora a regra da sua vida. Sem duvida que vae ser agredido de todos os lados, e neste ponto encontrar-se-ha na mesma situação em que esteve quando entrou no partido progressista. Mas lembremo-nos que os seus trabalhos d'hoje fizeram calar os agressores d'hontem, justamente como a sequencia d'aquelles ha de calar os que voltarem de novo á antiga berraria. O futuro lhes responderá. Uma vez que embarcou, não pode nem deve sair de bordo, emquanto não chegar ao termo da sua viagem.

Eis ahi com tóda a franqueza o que pensamos a este respeito: meu irmão viu desde logo muito melhor a questão, pois que á primeira vista opinou pela aceitação.

Permitta-me que lhe indique uma lembrança que verá se lhe pode ser util. Não seria possível fazer que as pessoas que o querem no Banco dessem por qualquer forma publicidade ás instancias que lhe teem feito? Se não pudesse ser antes da nomeação, mesmo immediatamente depois d'ella viria muito a propósito, por que indicava o grupo de pessoas de bem que se reunia em volta de si. Figura-se-me isto muito factível; por ex., sendo depois, por meio d'uma felicitação dos Directores do Banco e dos accionistas importantes que o apoiam, podendo seguir-se-lhe outra da Real Associação d'Agricult. por causa do Fomento Rural.

Devo com tudo notar que não consideramos isto fundamental. Se pudesse fazer-se, parecia-nos bem; se não estiver nos usos d'ahi, tambem não vale a pena fazer esforços para o conseguir.

O essencial é caminhar e o mais depressa melhor.
Meu irmão manda-lhe muitas recommendações.

Apresente os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.
Receba enfim muitos abraços

Do seu Amigo m. obr.

Alberto Sampaio.

Guimaraens : Julho 5, 87

— á noute —

Quando puder peço-lhe que me diga se recebeu esta.

6

Meu caro Amigo

Por causa da pressa, com que lhe escrevi anteriormente, não lhe fallei na minha visita. Agradeço-lhe muito do coração a insistencia do seu convite: creia comtudo que me não esqueci; a unica questão é simplesmente decidir-me. Mas como o tempo não está agora muito agradável, parece-me melhor adiar a minha ida para Fevereiro.

Uma vez que tenciona escrever pelo vapor de 20 ao Bensaude (1), deixe-me lembrar-lhe as sementes do chá. No mez passado soubemos que havia uma planta em Basto, no jardim d'um irmão do Julio Henriques (2). Pedimos-lhe informações, mandou-nos folhas e flores e prometeu fazer uns alporques, pois o arbusto

(1) José Bensaúde, industrial e agricultor, natural de Ponta Delgada, falecido em idade avançada, em 1922. Foi condiscípulo e grande amigo de Antero de Quental. Tronco de uma geração illustre de professores e homens de ciência notabilísimos, como Alfredo, Joaquim e Raúl Bensaúde, foi José Bensaúde um homem de grande actividade e larga iniciativa industrial. Em 1866 introduziu na Ilha de S. Miguel a cultura e manipulação do tabaco. Ocupou-se também da cultura e exportação de laranjas e ananases, e contribuiu para o desenvolvimento da cultura do chá.

(2) Júlio Augusto Henriques, botânico notável, nascido em Cabeceiras de Basto, em 1838. Foi professor catedrático da cadeira de Botânica e Director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Autor de numerosos trabalhos de valor na sua especialidade.

não dá semente n'este clima. Eu lembrei outro meio de reprodução: na duvida se qualquer d'esses meios dará resultado, não me dispenso do seu favor.

Ha dias, li n'um jornal do Porto um extracto da biographia que fez do D. Carlos ⁽¹⁾. Estimei muito ve-lo convertido á boa doutrina. Um governo violento, com o rei ou com a republica, cada vez se me afigura mais fatal.

Rogo-lhe o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.

Meu irmão retribue os seus cumprimentos e eu peço que disponha sempre com toda a franqueza

Do seu am. do c.

Alberto Sampaio.

Guimarães: Jan. 13, 93

7

Meu querido Amigo

Muito obrigado do coração, por tantos obsequios. Haverá um mez mandou-me as «Cartas inglesas» ⁽²⁾ e agora de novo a segunda edição do «Quadro das Inst. Primitivas». A sua actividade é maravilhosa; faz ver-

(1) O artigo biográfico escrito por Oliveira Martins, intitulado «El-rei D. Carlos», foi publicado na «Semana de Lisboa», suplemento do «Jornal do Commercio», dirigido por Alberto Braga. Após a sua experiência de govêrno, de Janeiro a Maio de 92, Oliveira Martins, desiludido do regime parlamentar, aliás fundamental ao sentido socialista de que fôra sempre partidário, começou então a defender a doutrina de uma politica de engrandecimento do poder real, para a criação do que hoje se chama um «estado forte», sob a égide do govêrno pessoal do Senhor D. Carlos. O grupo dos «Vencidos da vida», escol da nossa mentalidade de então, apoiava Oliveira Martins.

O primeiro encontro de D. Carlos com O. M. deu-se no Pôrto, ainda em vida de El-rei D. Luís, facto discutidíssimo pela imprensa republicana, que criticou severamente o escritor.

(2) Refere-se à obra «A Inglaterra de hoje», cuja 1.^a edição é de 1893, constituindo a reunião em volume das cartas de viagem

dadeiros milagres n'uma terra, como a nossa, em que faltam incentivos para os trabalhos intellectuaes.

Não faz idea quanto me agradaram as «Cartas» lidas d'um jacto: lamenta a gente apenas que não sejam mais extensas: em todo o caso fica-nos no espirito uma impressão funda e nitida d'aquella sociedade, tam particular, aparentemente cheia d'excentricidades, mas que representa um dos maiores papeis na historia moderna. Porfim os dous *fedelhos* — allemaens e ingleses, são os que dominam o mundo; uns pela sciencia, os outros pela industria e commercio. Quem lhes succederá?

Renovando ainda uma vez os meus agradecimentos, peço-lhe o favor d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.

Meu irmão envia-lhe os seus cumprimentos.

Disponha enfim sempre com toda a franqueza

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Guim.: Abr. 24 (1)

8

Meu querido Amigo

Junto a esta encontrará uma ordem de 36\$000 rs., representando a minha anuidade e a de meu irmão para as pequenas (2). Por este mesmo correio escrevo

publicadas por O. M. no «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, no último trimestre de 1892. Empreendeu essa viagem a Inglaterra, em 1892, logo após a sua saída do Ministério de José Dias Ferreira, para dissipar do espirito a intensa depressão que lhe provocara o esforço inglório que despendera nos poucos meses em que occupou a pasta da Fazenda.

(1) Esta carta não tem a indicação do ano, mas deve ser de 1893, porque é desta data a publicação da 2.^a ed. do «Quadro das Instituições primitivas», a que na mesma se allude.

(2) As *pequenas*, a que se refere Alberto Sampaio, eram filhas do Dr. Germano Vieira de Meireles, jornalista distinto, nascido em Penafiel e grande amigo de Antero. Morreu muito novo, tomando Antero de Quental conta das filhas, que adoptou como

ao Lobo (1) e ao Gustavo (2) para lhe enviarem, cada um a sua, na forma combinada: é esta a terceira prestação; a ultima será em 1897.

Quanto ao seu Nun'alvares (3) mandei ante-hontem para a «Provincia» um artiguito que contem a minha impressão: receio comtudo que elle não exprima com fidelidade a admiração que me causou a leitura do seu bello livro. E' perfeito. Nos detalhes só notei uma frase, para a qual chamo a sua atenção;— *colonos adscriptos*, pg. 9: como estes são equivalentes a *servos adscripticios*, se me não engano, haverá, parece-me, um lapso (4). Nada mais notei: tudo, ouro sem jaça. Receba os meus parabens do coração, e a expressão do meu mais vivo desejo que complete em poucos annos a historia da aventura maritima.

Meu irmão envia-lhe os seus cumprimentos, e eu peço-lhe o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.

Receba enfim mil abraços e saudades

Do seu amigo do c.

Alberto Sampaio.

Guimarães: Jan. 9, 94

pupilas. Depois do suicidio do Poeta, alguns amigos seus valeram às crianças, quotizando-se para as sustentarem.

(1) O poeta João Lôbo de Moura, amigo de Antero e de Oliveira Martins. Morreu na Ilha de S. Miguel (Açores). (Vide «Correspondência de J. P. Oliveira Martins», coligida por Francisco d'Assis Oliveira Martins, Lisboa, 1926, p. 9 e nota 1 de p. 133). Colaborou no *In-Memoriã* de Antero (Pôrto, 1896) com um artigo intitulado «O fim do poeta».

(2) Gustavo Barbosa, guarda-livros da casa de vinhos de António Nicolau de Almeida, do Pôrto, músico muito distinto e pessoa ilustrada e inteligente, amigo íntimo de Alberto Sampaio, Antero de Quental, Germano Meireles, etc.

(3) «A Vida de Nun'Alvares», publicada em 1893. 2.^a ed. em 1894.

(4) Alberto Sampaio chamava a atenção de Oliveira Martins para o facto de a «*adscriptio*» (isto é, a ligação do colono ou servo à gleba que cultivava, ou seja a residência por constrangimento pessoal) já não existir no tempo do Condestável, ao contrário do que o escritor afirma a pág. 9 da sua «Vida de Nun'Alvares». Para esta observação apoiava-se Alberto Sampaio em Herculano, como se pode ver na carta immediata.

9

Meu querido Amigo

Acabo d'examinar a opinião de Herculano a respeito da *adscrição*; pensa elle que ella tinha cessado aqui no norte nos fins do seculo XII ou principios do XIII; Hist. de Port. Vol. III, Livr. VII — Parte III (2.^a ed. pg. 306 e seg.). Quanto ao sul, região de que se tracta, vae ainda mais longe; a pg. 360 diz — «Nas provincias ao sul do Mondego e do Tejo.... A organização leonesa, a adscrição de gleba, não existia d'antes....» Em todo o caso é conveniente rever as pg. citadas, pois posso ter-lhe dado uma interpretação inexacta.

A «Provincia» não publicou n'esta semana o meu artigo (1): vou escrever-lhe por este mesmo correio, pois estou com receio que tenha havido extravio.

Meu irmão agradece e retribue os seus cumprimentos.

Apresento os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.
Receba enfim mil abraços

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Guim.: Jan. 14 (2)
(á noute)

10

Meu querido Amigo

A «Provincia» não quiz publicar o meu artigo! Mandei-lh'o no principio d'este mez: como não sahisse nos primeiros oitos dias, escrevi-lhe: silencio! Por fim pedi ao Gustavo para saber o que havia; entregaram-lhe o Mss. e disseram-lhe que não podiam publical-o,

(1) O artigo de apreciação crítica da «Vida de Nun'Alvares», a que se alude na carta anterior.

(2) Sem indicação do ano. E', como se vê, de 1894, pois trata do mesmo assunto da carta precedente.

pois estavam em guerra politica consigo!! Eu, que não leio jornaes da terra, cahi das nuvens e muito mais q.^{do} me mostraram um artigo de aggressão de loucura furiosa contra si. N'este desconcerto geral, todas as tolices são possiveis (1).

Escrevi ao Rocha Peixoto para o publicar na Rev. de Sc. Nat. e Sociaes, na Secção bibliographica, se esta revista reapparecer (2), como elle, ha pouco tempo, me informou. Não tive ainda resposta, mas creio que não tardará.

De resto nada se perde com a não publicação. Peço-lhe o obsequio d'apresentar os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Senhora.

Meu irmão envia-lhe os seus cumprimentos.
Aceite mil saudades

Do seu do c.

Alberto Sampaio.

Guimarães: Jan. 27 (3)

IV) — Para o ABADE DE TAGILDE

1

B.^{se}: Set.^o 8, 97
V. N.^a de Famalicão

Meu Ex.^{mo} e m.^{to} presado Amigo

A sua estimadissima carta veiu-me encontrar no principio da convalescença de varias molestias

(1) Em 24-1-1894 «A Provincia» publicou um artigo de fundo sob a epigrafe «Que triste situação», no qual acusava O. M. de contemporar com o partido regenerador, que havia combatido nas páginas daquele mesmo Jornal.

(2) Este artigo não chegou tão pouco a ser publicado na «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes» do Pôrto, apesar de esta Revista só ter acabado em 1898, com o 5.^o volume.

(3) De 1894.